

CINE-JORNAL



22 — 16 DE MARÇO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00

KATHARINE HEPBURN
e CHARLES BOYER
os assombrosos intérpretes
de CORAÇÕES DESFEITOS
um dos melhores filmes
da temporada
Produção R. K. O.-Rádio
Exclusivo da
Aliança - Filmes — Porto



Neste número: Uma entrevista com TOMÁS ALCAIDE



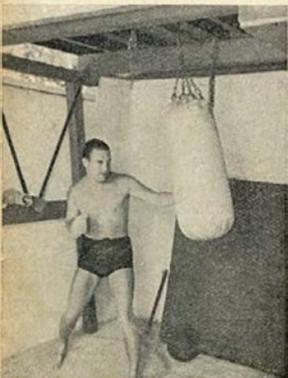
Darla Hood e Spunky, numo revisto cinematográfico



Clorie Trevor, que tem o bonito «récord» de 30 filmes em 14 meses



Adrian, o costureiro do Metro, escolhe o tecido para um fato para Rosalind Russel, que se senta á suo direito.



Chester Morris treino-se para bater Joe Louis...

LUMIÈRE NÃO FOI O INVENTOR DO CINEMA?

Os intelectuais franceses protestam contra o facto de se atribuir a paternidade do cinema a Louis Lumière e reivindicam-na para Marey

AINDA mal se apagara o córo das homenagens prestadas ultimamente a Lumière e já se me deparava, num jornal francês, «Vendredi», um artigo do sr. Léo Sauvage, no qual se refuta áquele membro da Academia Francesa o direito de se intitular inventor do cinema.

Não achum curioso? Pois é verdade. O sr. Sauvage atribui, com vasta documentação, a paternidade da sétima arte a Marey, sábio francês, falecido em 1904.

Que dirão a isto os fiéis «lumieristas»? Não se trata duma «blague». O jornal em questão é sério e o articulista parece sê-lo também. Senão, vejamos. Assim, começa por citar uma carta dirigida em 5 de Março de 1924 por Pierre Nogués, chefe de laboratório do Instituto Marey, ao presidente da Academia de Medicina de Paris, na qual, a propósito da inauguração duma lápide no edifício do boulevard des Capucines 14, onde se realizou a primeira projecção pública promovida por Luiz Lumière, se escreve o seguinte:

«Fabricantes de produtos fotográficos, atentos a considerações industriais e comerciais que Marey ignorava, os irmãos Lumière estavam esplendidamente colocados para impulsionar industrial e comercialmente esta magnífica descoberta. E justo felicitá-los por isso. Mas não é menos justo dizer que Marey foi o primeiro, entre os inventores desta arte nova, a quem as ciências devem tantos documentos inestimáveis, a indústria humana tantas riquezas e o público tantos espectáculos instrutivos e atraentes. A oposição duma placa comemorativa num prédio dos boulevards da maneira como está redigida constituiria uma negação da justiça e um erro histórico...»

A placa rezava assim:
AQUI

a 28 de Dezembro de 1895

O CINEMATOGRAFO

INVENÇÃO DOS IRMÃOS LUMIÈRE

realizou as primeiras projecções públicas de fotografia animada.

* * *

Quais os motivos que levaram Pierre Nogués a redigir tal missiva?

Primeiro (e aqui pronuncia-se o sr. Sauvage) «é historicamente inexacto falar-se dum inventor do cinema. As ciências, em geral, estavam suficientemente avançadas naquela época. A ideia da análise fotográfica do movimento e da sua síntese na projecção estava já amadurecida, estava no ar como diz o povo. Numerosos investigadores para ela contribuíram. Os seus trabalhos — se lembrarmos Plateau — começaram no principio do último quartel do século passado. O futuro, o centro de todas as pesquisas foi Etienne Jules Marey, que é o único a poder usar — sem usurpação — o título não de único inventor mas de principal pioneiro do cinema. O que 95% dos espectadores ignoram — porque se lhes esconde — é que, quando apareceram os irmãos Lumière, estavam já inventados os principais elementos do cinema. Os irmãos Lumière deram a última demão a um objecto e a um método que já existia, graças a vinte anos de esforços e de estudos «de outros» que não eles. Em 1895, Luiz Lumière, o último a chegar em 1895, é o primeiro, o único, a monopolizar uma glória que lhe não cabe. Será justo?

Há três datas Lumière. Brevet: 13 de

Fevereiro de 1895. Projecção privada na «Societade de Encorajamento á Indústria Nacional»: 22 de Março 1895. Apresentação pública no Grand-Café: 28 de Dezembro de 1895. Ora, já em 1822 Marey, ajudado por Dèmeny, enceta os seus trabalhos acerca do movimento e constrói o seu fusil fotográfico, baseado no emprêgo da placa giratória.

Mas não ficam por aqui as invenções de Marey. Senão dêmos novamente a palavra a Sauvage: «Desde 1888, Marey serve-se de tiras de papel sensível em vez de chapus. Um ano depois, em 1889, Marey faz criar pelo químico Balagny «tiras de celuloide emulsionadas». Eis o «filme» introduzido em França, graças a Marey (na América a Kodak tinha-o já lançado havia algum tempo). No mesmo ano, o Congresso internacional de fotografia, em homenagem a Marey, adópla a palavra «cronofotografia» para designar os métodos servindo a fotografia do movimento. E chegámos assim a 3 de Novembro de 1890. Nesse dia, E. J. Marey descreve á Academia das Ciências o seu «aparelho cronofotográfico, applicável á análise de todas as espécies de movimentos».

* * *

«A 24 de Junho de 1930 (é ainda Sauvage que fala), por ocasião do centenario do nascimento de Marey, houve, na Academia de Medicina, uma sessão não menos memorável que a de 6 de Novembro de 1935, na Sorbonne. Projectou-se, apresentado pelo prof. Charles Richet, um positivo de 35 milímetros tirado de alguns velhos filmes de 50 a 90 milímetros, realizados por Marey em 1893. Os negativos originaes destes filmes encontram-se ainda hoje no Instituto Marey, no Parc des Princes, onde Pierre Nogués e L. Hull velam por eles e podem mostrá-los aos cépticos.

Em resumo, existem filmes tomados por Marey e projectados por ele em 1893, dois anos antes da sessão do Grand-Café. A única diferença é que Marey utilizou as suas projecções para fins científicos e serviu-se delas para explicar o «movimento dos seres microscópicos» a um auditório de estudantes. Luiz Lumière, esse, (não falo dos «irmãos Lumière» porque Augusto por razões que não interessam prefere apagar-se) utiliza as suas projecções para reclamar um franco de entrada e serve-se delas para divertir um publico de dilectantes. Estes ficam-lhe reconhecidos e são eles que, hoje, hábilmente apoiados por uma publicidade americana, em que a grande imprensa participa a fundo, proclamam Luiz Lumière inventor do cinema. Em 1894 aparece o illúmin grande livro de Marey «O movimento». Um ano antes que se ouça pronunciar o nome de Lumière «inventor» a história da invenção do cinema estava já escrita.

E, successivamente, sempre com larga cópia de argumentos, Sauvage destrói a etiqueta «Lumière inventor do cinema».

Que lhe contraporão os «lumieristas»? Convém, porém, não esquecer que sábios franceses como Charles Richet, R. Anthony, L. Bull, L. Camus, F. Cellerier, A. Doléris, E. Gley, L. Hallion, L. Manowrier, R. Marage, Felix Regnault e G. Weiss publicaram, em tempo, um protesto «contra a grande injustiça cometida para com o illustre fisiologista francês E. J. Marey, por aqueles que pretendem contestar-lhe o mérito de ter criado o método cinematográfico e inventado o primeiro cinematographos».

Os prémios da Academia de 1936

A Academia de Artes e Ciências de Hollywood, reuniu-se no passado dia 5 para atribuir os diversos prémios, concernentes á produção de 1936.

Fôrão dize as fitas designadas pelo júri, com direito á classificação do «melhor filme do ano». Ei-las:

Alice Adams.
Parada Maravilhosa de 1936.
Captain Blood.
David Copperfield.
O Denunciante.
Os Miseráveis.
Lanceiros da Índia.
Sonho duma noite de verão.
Revolta a Bordo.
Princesa Endiabrada.
O Último Eseravo.
Chapéu Alto.

Os candidatos á melhor interpretação fôrão:

Clark Gable.
Charles Laughton.
Franchot Tone.
Victor Mac Laglen.

Os três primeiros, pela sua actuação em *Muliny on the Bounty* (Revolta a Bordo). O último, pela sua actuação no *Denunciante*.

As candidatas á melhor interpretação

feminina fôrão:

Elisabeth Bergner, em *Unidos Eternamente*.

Claudette Colbert, em *Mundos Intimos*.

Bette Davis, em *Dangerous*.
Katharine Hepburn, em *Alice Adams*.
Miriam Hopkins, em *Feira da Vaidade*.
Merle Oberon, em *The Dark Angel*.

Os candidatos á melhor realização fôrão John Ford, em *O Denunciante*; Henry Hathaway, em *Lanceiros da Índia*.

Frank Lloyd, em *Revolta a Bordo*.

Ainda não são conhecidos, nos seus pormenores, os resultados da classificação. No entanto, sabe-se já que *Revolta a Bordo* (*Muliny on the Bounty*) da Metro-Goldwyn-Mayer, obteve o honroso titulo de «o melhor filme do ano».

Victor Mac Laglen, foi designado como «o melhor intérprete», pela sua actuação em *O Denunciante*.

Por seu turno, Bette Davis alcançou o prémio da melhor intérprete feminina pelo seu desempenho em *Dangerous*.

No próximo número, daremos mais pormenores.

Paula Wessely teve um menino

Paula Wessely, que vimos em *Assim termina um amor e Mascarada* teve um menino.

Paula, como sabem, é casada com Attilio Hoerbiger.

Os cinemas franceses em greve

No próximo dia 20, todas as salas de Paris encerrarão as suas portas, como protesto contra as taxas e impostos que oneram a sua exploração.

Um «comité» de vigilância assegurará o cumprimento formal da ordem, dimanada do Sindicato dos Directores de Paris.

Lina Noro teve um desastre

Lina Noro, a vedeta da *Mater Dolorosa*, filme de Abel Gance, foi vítima dum desastre de automóvel. Operada, recolheu a casa e encontra-se convalescente.

As mulheres de Illinois votam nos seus ídolos

Os clubes femininos do Estado de Illinois (Ohio) organizaram, há pouco, uma grande votação não com quaisquer intuítos políticos, mas apenas para saber quais os intérpretes favoritos das suas associadas e bem assim quais os 10 melhores filmes do ano, nas opiniões das votantes.

Fôram «recenseadas» 2.348 mulheres. Tôdas votaram, pois não se verificou nenhuma abstenção.

Quanto aos 10 melhores filmes, os resultados fôram os seguintes:

	Votos
1.º — <i>David Copperfield</i> (M. G. M.)	2.079
2.º — <i>Top Hat</i> (R. K. O.)	1.623
3.º — <i>Mutiny on the Bounty</i> (M. G. M.)	1.506
4.º — <i>Sonho duma noite de verão</i> (Warner)	1.504
5.º — <i>Parada Maravilhosa de 1936</i> (M. G. M.)	1.223
6.º — <i>A Princesa Endiabrada</i> (M. G. M.)	949
7.º — <i>O Último Escravo</i> (Paramount)	932
8.º — <i>Roberta</i> (R. K. O.)	897
9.º — <i>Os Miseráveis</i> (Versão americana-Fox)	886
10.º — <i>In Old Kentucky</i> (20 th Century-Fox)	744

Vejamos agora quais os 10 actores mais votados:

	Votos
1.º — Will Rogers	1.506
2.º — Frederick March	1.337
3.º — Charles Langton	1.321
4.º — Clark Gable	1.219
5.º — Fred Astaire	1.216
6.º — George Arliss	1.004
7.º — Nelson Eddy	922
8.º — Dick Powell	831
9.º — John Boles	758
10.º — Wallace Beery	740

Das mulheres a mais votada foi Ginger Rogers, o que prova que a Gingerrita lavra ainda:

	Votos
1.º — Ginger Rogers	1.582
2.º — Katharine Hepburn	1.531
3.º — Claudette Colbert	1.422
4.º — Shirley Temple	1.106
5.º — Norma Shearer	1.079
6.º — Irene Dunne	1.039
7.º — Jeannette Mac Donald	979
8.º — Greta Garbo	781
9.º — Grace Moore	777
10.º — Joan Crawford	756

Eis os resultados deste curioso «referendum» organizado entre as associadas dos 24 clubes femininos de Illinois.

Em Portugal há um cinema para cada 31.897 pessoas

Publicámos há dias curiosas notas estatísticas sobre o número de cinemas, existente no mundo inteiro. *Motion Picture Herald* publica, agora, uma curiosa estatística comparativa entre o número de salas existentes (mudas e sonoras) comparado com o da população dos vários países.

Verificamos assim que nos Estados Unidos há um cinema por cada 8.234 pessoas e que, entre nós, essa percentagem atinge a cifra de 31.897 espectadores para cada sala.

Na Alemanha, onde a população é 10 vezes superior à nossa há 4.221 salas, ao passo que nós temos apenas 210 cinemas entre mudos e sonoros.

Na Europa, para uma população de 557.608.190 almas, há 60.150 salas, o que dá 9.270 pessoas para cada cinema.



Jure Knight dá lições de ginástico



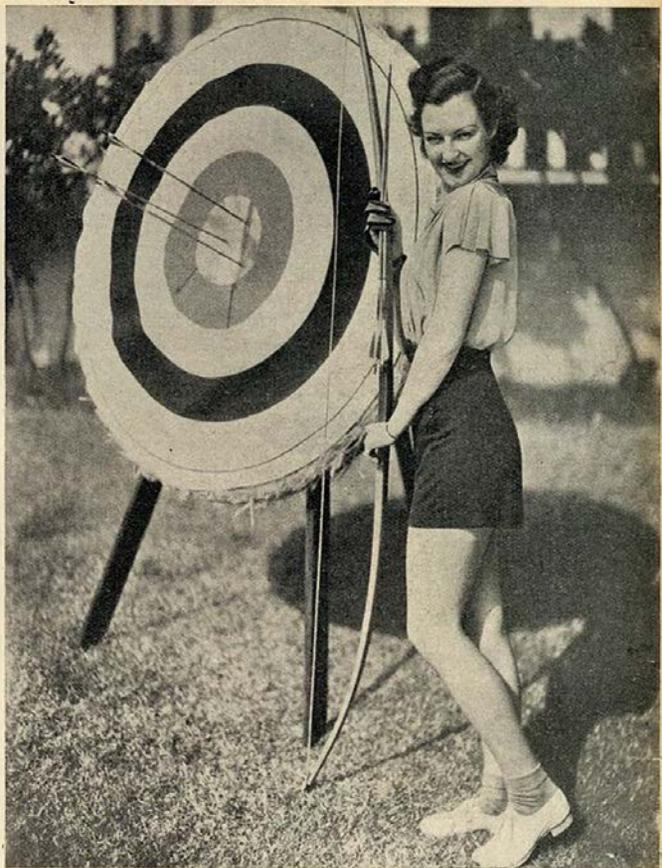
Not Pendleton inicia-se nos mistérios do «juji-jutsu»



Frank Morgan e Ann Darling fazem saúde... com sorvetes



Jackie Cooper caracterizou um miúdo do Pandilho



Joy Hodges, ou Cupido em 1936...

Realiza-se, no próximo dia 3 de Abril, no S. Luiz, a primeira matinée gratuita de «Cine-Jornal», oferecida aos leitores da nossa revista

Eis uma boa notícia para os nossos leitores!

Graças á gentileza da Empresa do São Luiz e á cativante amabilidade do gerente daquela formosíssimo sala, sr. João Ortigão Ramos, «Cine-Jornal» realiza ali, no próximo dia 3 de Abril, o seu primeiro «matinée» gratuito dedicado a todos os seus amigos e leitores.

Não podia «Cine-Jornal» ambicionar mais! E os nossos leitores, estamos certas, vão ficar radiantes com o facto desta festa se realizar no ambiente simpático e acolhedor do São Luiz.

Como se pode assistir gratuito-

mente a esta «matinée» sensacional? Vejamos:

No próximo número, publicaremos um cupão que terá logicamente o n.º 1. No número seguinte, isto é: no que sai no dia 30 de Março publicaremos o cupão n.º 2. O leitor não terá mais do que recortar os dois cupões, colá-los num bocado de papel e apresentar-se no administração do nosso revista — Trovesso do Condessa do Rio, 27 — o requisitor a bilhete que lhe compete. Quatro bilhetes dão direito a um camarote.

No próximo número, daremos pormenores acerca do sensacional programa desta festa.

ESTEVÃO AMARANTE FOI SUBSTITUÍDO POR RAUL DE CARVALHO, NA INTERPRETAÇÃO DE «BOCAGE»

Quasi á hora de fechar o nosso jornal, chegou-nos o noticia de Estevão Amarante ter sido substituído por Raul de Carvalho, na interpretação do figuro do poeta Bocage, o principal papel do filme do mesmo nome, que Leitão de Barros está realizando.

Raul de Carvalho está já o filmar.

No próximo número trataremos mais de espaço este assunto.

Os filmes de Disney, editados pela R. K. O.

Uma noticia sensacional. A partir de Setembro de 1936, os filmes de desenhos animados de Walter Disney — rato Mickey e Silly Symphonies — serão distribuídos pelo R. K. O.-Radio.

«O Jardim de Allah», a côres

A Selznick International Pictures anuncia a próxima realização dum filme, já editado no tempo do mudo, e que agora, além do som, terá outro atractivo: a côr. Trata-se de *O Jardim de Allah*, de que Merle Oberon, será a principal intérprete.

A evolução da literatura reflecte-se, por vezes, na evolução do cinema. Determinado género, em moda no mundo das letras, adapta-se logo ao espirito cinematográfico. Citemos, por exemplo, o das biografias de personagens célebres. Enchem, agora, as montras das livrarias volumes que abordam, com raro felicidade, as histórias dos reis, rainhas, escritores, músicos e poetas. André Maurois escreveu Byron. Stephen Zweig, Maria Antonieta. Todos os grandes vultos da história são desenhados, definidos e ressuscitados, em obras que se impõem, pelo seu mérito real — pelo seu valor.

Paralelamente, o cinema começou a dar também biografias de personagens sérias, que imperaram ou se destacaram numa época, mais ou menos recuada, dos tempos de antanho. O mesmo estilo romaneado, a mesma finesse, a mesma ironia subtil, a mesma leveza aparente no tratar.

E, assim, tivemos A Vida Privada de Henrique VIII, Catarina da Rússia, feitas pelos ingleses. Pasteur, Cecil de Rhodes e Washington, biografados pelos americanos. A Alemanha acaba de dar, com Os dois Reis, a devida réplica.

A finalidade da obra, o motivo que a inspirou são idênticos. Os processos é que são diferentes! Assim a obra é séria, pesada sem ser maçuda — de características diferentes das precedentes, que citámos.

É difícil encontrar defeitos a este filme. A sua concepção é hábil e grandiosa — sem ser faustosamente inútil.

Cada uma das cenas foram objecto de especiais cuidados. A atmosfera, o ambiente, sentem-se, desde inicio, carregados duma tragédia que se pressente, e que traz a máscara do desespero e da renúncia.

Sob o ponto de vista artistico, Os dois Reis é grandioso. Mesmo abstraindo que estamos em presença dum filme histórico, de inegável prestígio, não podemos deixar de admirar esses admiráveis jogos de luz, a mestria das tomadas de vista, que atribui às sombras o

seu papel, aproximando ou agregando os objectos e as figuras — com a mesma facilidade com que um escritor ilumina ou elimina os heróis dos seus livros.

A ideia mestra do filme é esta: mostrar o despertar lento mas seguro da personalidade de Frederico II, através dos anos árduamente «trabalhados» por seu pai e educador Frederico Guilherme, economista, justiceiro, melódico e patriota até o sacrifício! Ante este filme, convencemo-nos que foi graças à recta e intransigente educação de Frederico Guilherme, que nasceu a figura magésta de Frederico II — Frederico, o Grande!

Decorridos tantos anos, depois do seu reinado — o cinema faz luz sobre algumas páginas mais belas e mais grandiosas da História!

Bem haja!

ALGUMAS VERDADES AMARGAS SÔBRE O CINEMA PORTUGUÊS

SE dissermos que o cinema português não existe — fazemos uma afirmação irrefutável. Não pretendemos negar a existência de *filmes portugueses*. Mas a palavra *cinema* implica a ideia de metodização de processos, de indústria organizada. É sob este aspecto que negamos a existência do cinema português.

Por ora, somos apenas amadores, bons ou maus amadores — e nada mais.

* * *

Para criar uma indústria, não basta erguer uma fábrica e adquirir a maquinaria necessária. É muito já, meio caminho andado, se quiserem...

O que importa, sobretudo, é adestrar o pessoal, tirar o máximo rendimento, do que as máquinas e os homens são susceptíveis de dar — produzir, enfim.

Montar uma fábrica para tirar dela um rendimento de trabalho diminuto — é comprometer a indústria.

Em país algum do mundo se constrói e equipa um estúdio — para produzir, em média, um filme por ano!

* * *

Mas há mais pontos, a reforçar a nossa afirmação.

Tempo é dinheiro. Numa indústria — tempo é *muito* dinheiro. No cinema, tempo é *multíssimo* dinheiro.

Em qualquer canto do globo, onde haja uma indústria de cinema organizada — as filmagens duma obra rendizam-se no espaço de tempo, que vai de três semanas a um mês, a mês e meio, a dois meses, em casos raríssimos, em toda a parte, há excepções — que confirmam a regra.

Entre nós, até hoje, da primeira volta da manivela até à data da apresentação do filme, nunca medeou menos de nove meses.

Leva tanto tempo a fazer um filme como a gerar uma criança. Com a diferença, porém, que, no último caso, sai sempre uma obra humana...

* * *

O cinema português será um mito enquanto se não *embaratar* , pela redução indispensável do tempo de filmagens.

* * *

Um filme é uma obra colectiva. É o conjunto de dezenas de esforços, de «trabalho disperso», dum aglomerado de células vitais. Do bom funcionamento de cada uma delas, do conhecimento perfeito da missão que cabe a cada um — depende, em grande parte, a boa marcha da produção filmica. Se uma das rodas dentadas desta complicada maquinaria deixar de rodar — todas as outras se ressentirão.

Ora o que temos visto nós? A desorientação absoluta, neste capítulo. Não há pessoal especializado. Este rapazinho que demonstrou, durante a realização do filme A, certa habilidade, como assistente de realizador, amanhã é nomeado ajudante de operador, para o filme B — e vice-versa!

Ninguém faz ideia da missão que lhe compete desempenhar. Daí a confusão, as dificuldades, etc...

* * *

Só cá em Portugal se lêem nos jornais notícias como estas: «O nosso amigo X, foi nomeado para o cargo Y do filme Z». O sr. X, muito bom rapaz, viveu quasi sempre afastado destas coisas — não faz ideia do que seja realizar um filme. Nos primeiros tempos, anda um bocado às aranhas. Depois, aprende umas noções vagas; deslumbra os amigos, no café, com meia dúzia de termos técnicos, que apanhou no ar; fala de cátedra, como se fôsse uma autoridade na matéria, e quando começa a perceber alguma coisinha daquilo — está acabado o filme. Se tiver a sorte de ser contratado para a nova produção, irá desempenhar por certo outro cargo...

Mas, pergunta-se: isto do cinema será assim uma coisa tão simples, que se possa contratar pessoal para os cargos técnicos, com a mesma despreocupação com que se contratam amanuenses para Repartições públicas?...

O cinema-indústria compadrece-se, porventura, com semelhantes *leviandades*?

* * *

Tem-se falado, ultimamente, com certa frequência, em *estilo português*. Afigura-se-nos que se confunde possivelmente o que no cinema se entende por *estilo* (que é quasi sinónimo de *escola*) com as *características nacionalistas dum filme*.

Com efeito, o *estilo* não tem nada que ver com o assunto e com os intérpretes, com a música e com os cenários. *Crime e Castigo* não deixava de ser um filme nitidamente francês, pelo facto de focar o ambiente e as personagens da velha Rússia. Paralelamente, o *Denunciante* não deixava de ser um filme americano, da primeira à última imagem, — a-pesar-de nos dar exclusivamente, o ambiente da Irlanda, as lutas dos «*sinn-feiners*», etc.

Por *estilo*, em cinema, deve entender-se o somatório das qualidades e de-

feitos dominantes, na produção de cada um dos países — qualidades e defeitos que se traduzem e condensam nas características gerais, e no *modus-faciendi*, de cada um dos filmes.

Quere dizer: parece-nos prematuro procurar definir o estilo português, porque nos falta matéria, em quantidade precisa, para o apreciar...

* * *

Onde há um estilo nitidamente marcado é na forma como se faz o *reclamo* dos filmes em produção. Nisso batemos de longe todos os concorrentes. Perdemos a cabeça. Somos capazes de falar em D. Nuno Álvares Pereira, em Aljubarrota e no Mestre de Aviz... Para exaltar determinada cena, vamos buscar os Painéis do Infante. Declaramos com um ar de gravidade impressionante, que em parte alguma do mundo se faz melhor. Somos todos admiráveis colossais, inteligentíssimos! Quando dizemos coisas para os jornais, metemos a um canto os Lubitschs, os Capras, os Van Dykes... A indústria cinematográfica portuguesa é, na boca dos interessados, a mais próspera, a mais bem organizada, a mais «notável» do mundo inteiro... Em compensação, os produtores são canonizados como os mártires do cinema. Foi o desejo patriótico que os levou a financiar os filmes — Aljubarrota... Nuno Álvares... Vasco da Gama... etc. Foi o seu acendrado amor pátrio que os fez inverter os escudos no negócio das fitas! Os realizadores são proclamados génios. Os intérpretes, rivais das Garbos, e dos Friedrich Marchs. Depois da estreia, fala-se em Camões e Beethoven — para dizer que a fita é boa. Alude-se a campanhas, aos «despeitados», aos «invejosos»! Houve quem não gostasse?! Não admira — «foram os que não comeram...». E «todo o mas por o estilo»...

Daudet, se fôsse vivo, e quisesse escrever as memórias de Tartarin-realizador — não localizaria, desta vez, em Tarascon, a casinha da *baoba*...

* * *

Que pretendemos com todo este arrazoado? Criticar — pelo prazer sádico de «dizer mal»? Abater o moral dos interessados na indústria do cinema português? Negar realidades, o muito que se tem feito no nosso ingrato meio? Nada disso.

Pretendemos apenas prêgar um pouco de bom senso! Não faz mal a ninguém. Cerlamente dos tempos heróicos da *Severa* ao *Trevo* e ao *Bocage* — vai um mundo! Mas para que iludirmo-nos a nós próprios. Para que erguer vaidades pessoais acima de interesses colectivos? Não temos necessidade de ser tarasconeses... Não aproveita a ninguém. Modéstia e bom senso, sentido das proporções e equilíbrio — são, de momento, as mais instantes necessidades do cinema nacional.



Grace Bradley uma beldade da R. K. O.



ISTO de ser repórter-operador tem que se lhe diga. Todavia o profissional das reportagens cinematográficas não se lamenta. Em geral, só exerce essa profissão aquele que possui espírito aventureiro e se delicia com as surpresas emocionantes a que está sujeito todo o repórter. Toda a profissão tem os seus espinhos; mas nem todas elas têm espinhos que deliciem. Esta do operador é cheia de contratempos e emoções capazes de satisfazer o mais exigente dos amantes de aventuras. Calculem os leitores o que foi a luta de concorrências, quando um dia as agências de actualidades cinéfilas trataram de enviar à Abissínia os caçadores de imagens. Choveram pedidos e mais pedidos, moveu-se meio mundo com as «cunhas» do estilo e, por fim, os bafejados pela sorte nem tempo tiveram para completar o seu enxoval, quanto mais para festejar o acontecimento. Alguns dêles, quasi todos, nem se despediram das noivas, nem mudaram de camisa, nem pensaram nos perigos que iam afrontar...

* * *

Da Abissínia, apenas conheciam o nome. Durante a viagem para o teatro da guerra, alguns ainda se debruçaram, avidamente, sobre o atlas de geografia, prevendo a necessidade de conhecer estradas, caminhos de ferro, locais de abastecimento, e o mais que é fácil de prever. Outros desenrolavam os maços de jornais e, em confronto com as notícias publicadas, localizaram, no mapa da Etiópia, as posições ocupadas pelas tropas beligerantes, os locais dos últimos combates e tomaram outras notas indispensáveis.

Nas horas de ócio, era vê-los sentados nas saus cadeiras de viagem, absortos em mil e um pensamentos, que, se incidiam em geral sobre a natureza das mil aventuras sonhadas, por vezes eram muito escuros ao calcular as probabilidades de êxito. Tinham bem presentes as palavras dos seus chefes exigentes, que os colocavam numa posição algo difícil: «são necessários quinhentos me-

tros por semana. Tratem de obter licenças quanto antes, porque precisamos, dentro de um mês, espalhar reportagens pelos jornais de actualidades de todo o mundo. Não queremos vulgaridades, nem admitimos impossíveis».

Foi com estes pensamentos «confortantes» que os operadores entraram em África. A sua primeira preocupação foi obter uma licença. E aí começaram as dificuldades. Ninguém os tomava a sério. Viram-se obrigados a sustentar lutas desesperadas com umas dezenas de senhores, muito pretos e muito preocupados com as operações militares, que os consideravam inúteis e massadores. Só à custa de muitas palavras e de muitas promessas, depois de perdidos alguns dias, os repórteres conseguiram a autorização necessária, mas condicionada: «Não se pode filmar isto, não é permitido fazer aquilo, etc., etc.»

Depois... as peripécias sucederam-se.

* * *

Um dia um operador tentou atravessar as linhas italianas para filmar algumas cenas. A certa altura a metralha apertou. Teve de abrigar-se. Foram inúteis todas as tentativas feitas para abandonar o abrigo; uma metralhadora italiana, que ele não podia localizar, barrava-lhe a saída. Resolveu esperar. Quasi ao fim da tarde, o fogo aumentou de intensidade; minutos depois estava explicado o facto: uma onda de soldados etíopes procuravam assaltar os postos italianos. A artilharia entrou em acção. Aqui e ali erguiam-se, constantemente, núvens de areia provocadas pelas granadas que reventavam. Um avião da esquadriha «La disperata» voava sobre a sua cabeça lançando bombas e sustentando, assim, o avanço do inimigo. A certa altura um corpo desamparado caiu dentro do abrigo onde se escondia o operador. Pelo manto branco, manchado de sangue, era fácil identificar o visitante. Não se lhe via a cara por estar tapada com uma máscara contra os gases. O primeiro pensamento do repórter foi aliviar o paciente; tirou-lhe a máscara e desembaraçou-o da roupa. Mas a he-

morragia era muito grave e o pobre soldado etíope sucumbia ao fim de poucos minutos. A noite caiu precipitadamente e o sossêgo ia-se restabelecendo pouco a pouco. Respirava-se um ar desagradável e só então o operador percebeu a razão de ser das máscaras anti-gás, e que o avião italiano não perdera o seu tempo. Colocou a máscara e safu do abrigo. A noite era negra. Caminhou ao acaso e, quando amanheceu, não havia viva alma ao seu redor. Tinha-se perdido. Ao fim de dois dias encontrou o primeiro habitante etíope. Disse-lhe que tinha fome. O indígena olhou-o espantado e, apontando a câmara de filmar, relorquiui-lhe: «Fome?... Então, na tua caixa, não há nada que comer?».

* * *

Os abexins, como em geral todos os habitantes do continente africano, são muito reparadores; nada escapa à sua observação. Um dêles, auxiliar de um operador, notou que o seu patrão, sem

bém passada na Abissínia. Classifico-a de anedocta em face das contestações do repórter J. H. Rüssel, que lhe atribue artifício e excesso de imaginação. Foi o caso do consagrado operador Granata haver obtido licença para se alojar na carlinga de um avião italiano, que partia para um «raid» de reconhecimento. A certa altura, o piloto quis fazer «blagues» e disse para o operador, como que para o atralhar:

— Temos de aterrar em território inimigo! Acabou-se a gasolina. Ao que o operador respondeu, sem interromper o seu trabalho:

— Mude de opinião! Há, seguramente, duas horas que filmo e ainda não vi um único pósto de abastecimento!

* * *

Poderia contar-vos muitas outras histórias, mas bastam estas para demonstrar que a vida dos operadores cinematográficos é cheia de «bons bocados», sobre tudo quando êles se arriscam pe-

Os operadores de actualidades na



pre que se servia da máquina, colocava um «écran» amarelo diante da objectiva. A luz da Abissínia é muito intensa e é necessário usar êsse expediente para evitar que as imagens se percam no mesmo plano cinzento-claro. Um dia, o operador, ao começar a filmagem, foi prevenido pelo seu ajudante etíope de que «se havia esquecido de pôr os óculos na máquina».

* * *

Harry Grey, a quem devo algumas destas preciosas informações, regista no seu vasto repertório de aventuras de operadores, a seguinte anedocta, tam-

os territórios remotos dum país que vive longe da civilização.

O público, que tanto se deleita com os jornais de actualidade, não calcula quantos sacrifícios e quantos dissabores representam êsses metros de filme. Os operadores consomem-se e esgotam-se, para obter uma notícia filmada. Todavia, quando lhes perguntamos se querem trocar essa profissão por outra menos difícil e, talvez, mais rendosa, ficamos surpreendidos com as suas respostas desconcertantes, idênticas a esta que obtivemos de H. Wilkins, americano, a quem formulámos pergunta semelhante:

— O senhor nem parece um repórter! Gostaria que me dissesse como responderia a uma pergunta disparatada como essa!...

Escusado será dizer que desapareci envergonhado...

REPORTER O. K.

(Em exclusivo para Cine-Jornal).

Abissínia

CHAMAM-NOS ao telefone. É 'Tomaz Alcaide', que nos diz:

— Acabo de chegar de Anvers, onde cantei ontem, e parto imediatamente no meu carro, para Lille onde canto amanhã. Dentro de 10 minutos estou no meu escritório, e você parte comigo.

— Era uma ordem, e portanto só nos cumpria o dever de acatá-la.

Realmente, dez minutos depois, saltávamos para o seu belo «La Salle», e depois de atravessarmos Paris, com toda a cautela, tomávamos a direcção de Lille.

Ótima viagem, que fizemos em cêrca de 4 horas. Quando chegámos ao Carlton, dissemos:

— Vamos aproveitar êste momento para fazer a nossa entrevista.

Alcaide, com um sorriso, recusa:

— Não, meu caro. Amanhã, depois do espectáculo, pois se lha concedesse agora, você ia-se embora, e eu não quero isso, de forma nenhuma.

Não insistimos mais.

No dia seguinte, não o vimos senão no momento de sair do hotel, para o Teatro. Não quisemos de forma alguma incomodá-la e obrigá-lo a falar, durante o dia.

Alcaide veste-se no seu camarim, ao mesmo tempo que vocaliza para aquecer a voz.

Ouvem-se os primeiros acordes da orquestra, e nós vamos assistir, nos bastidores, à representação de «Werther», obra prima de Massenet.

O que foi o espectáculo, não descrevemos. Apenas diremos que o nosso compatriota obteve mais um justo e formidável triunfo, tendo que «trisar» a romança «Porquoi me reveille?».

O público e a crítica consideram-no um dos maiores tenores líricos da actualidade.

Terminada a ópera, Alcaide entra novamente no seu camarim, seguido do Director da Ópera Zilh, que lhe vem dizer que conta com êle para a próxima época!

Para que os nossos leitores possam fazer uma ideia, devemos dizer que o grande tenor português, foi contratado primeiro para Lille para 3 representações, mas, em virtude do grande successo que obteve sempre, cantou 21 representações mais!!!

E meia noite e meia hora e estamos a ceiar com o nosso compatriota no restaurante de Carlton.

Alcaide, ao mesmo tempo que vai ceando, diz-nos:

— O prometido é devido, e portanto vou-lhe falar aqui exclusivamente para *Cine-Jornal*.

Em primeiro lugar deixe-me dizer-



—lhe que, ao ler, há dias, um exemplar de *Cine-Jornal*, vi que mesmo cá fora não se faz melhor! Fiquei contente por vêr como a indústria tipográfico no meu país trabalha e progride!

Neste momento vamos tentar perguntar qualquer coisa, mas Alcaide, como bom alentejano, continua:

— Em segundo lugar diga, na revista, que tenho imensas saúdades do meu Portugal querido, e que é sempre com prazer que lá vou, tanto para vêr os meus, como para cantar!

Atalhámos:

— Sabe que Lauri Volpi cantou em Lisboa?

— Soube, e creio que deveria ter agradado nalgumas óperas.

— Diga-nos Alcaide, qual é na sua opinião o melhor tenor do mundo da actualidade.

— Olhe, meu caro, é muito difícil e delicado dizer-lho, mas o que lhe posso afirmar, é, que não sou eu, com certeza!

Achámos graça à resposta e Alcaide continua:

— Deixemos agora a Ópera; e vamos então ao que importa. O que você quer é que eu lhe fale da minha estreia no cinema. Pois bem, seja:

Para mim, que não conhecia o cinema, senão quando ia vêr um filme, foi uma surpresa absoluta, tudo quanto vi.

Nada conhecia da técnica, e nem mesmo nunca tinha visto filmar uma cena num estúdio!

Um dia procuraram-me em Paris, para me pedir fotografias, e dados exactos sôbre a minha carreira artística.

Mais tarde fazem-me filmar, para um ensaio, e cantar para o «micro».

Tudo fiz sem esperanças, tanto mais que eu sabia, que outros tenores já tinham sido experimentados também.

Vivi então horas amargas, até o momento em que um telegrama me chega pedindo-me condições.

Por êsse telegrama, vi que tudo tinha corrido bem. Fiz o meu preço que foi aceite. Uma grande alegria me encheu a alma, pois ia definitivamente ouvir-me e vêr-me no «écran»! e ao lado de Gitta Alpar!

Depois começaram as dificuldades, visto que eu tinha muitos contratos a cumprir, e algumas datas eram quasi juntas, e só por transportes aéreos, eu pôde levar a minha cruz ao Calvário.

Enfim, parece que tudo correu bem, e os produtores, creio estarem satisfeitos, tanto mais que pensam fazer um novo filme comigo!

Não quero de forma nenhuma que o público prtuguês, pense que eu tenho

(Conclui na pag. 14)

TOMAZ ALCAIDE

O GRANDE TENOR PORTUGUÊS

dedica-se agora ao cinema e concede a

A SUA PRIMEIRA ENTREVISTA

AO CINEJORNAL



Uma admirável síntese gráfica dos trabalhos de filmagens de O TREVO DE QUATRO FOLHAS. Nesta página, a complexidade da realização dum filme e o progresso técnico registado nos nossos estúdios, têm uma evidência que dispensa, por inúteis, quaisquer comentários

UMA DAS MELHORES COMEDIAS DO ANO!

Como num sonho...

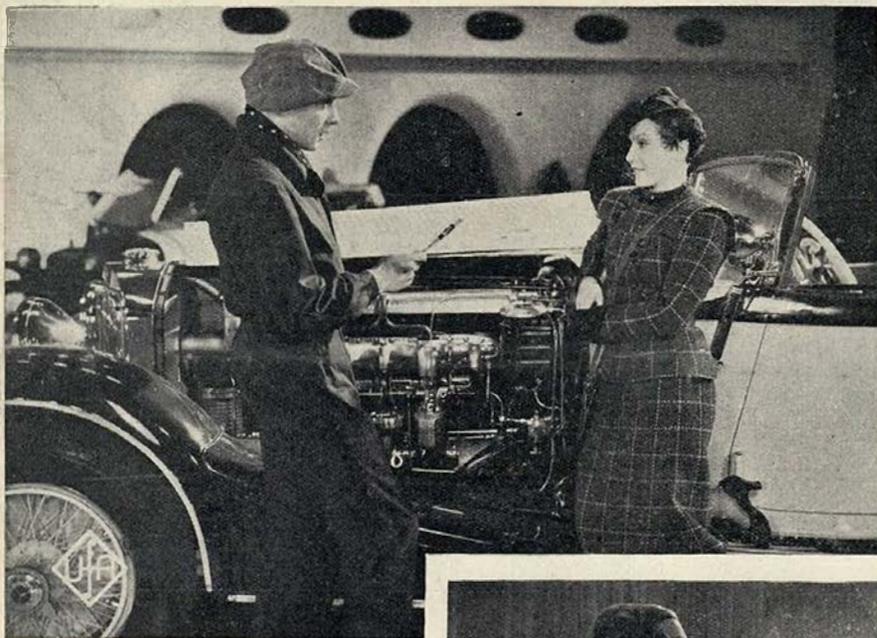
Uma grande criação de

Kate de Nagy

A seguir no "Central Cinema"

O público verá, próximamente, na tela do «Central Cinema», uma das melhores comédias do ano, produzida pela Ufa. Trata-se da famosa película *Como num sonho*, que lóda a crítica europeia, nomeadamente a francesa, aponta como uma das melhores produzidas nêstes úl-

(Exclusivo e distribuição da Soc. Raul Lopes Freire, Limitada)



timos tempos. De resto, um filme da insinuante Kate de Nagy, com o admirável galã Jean Pierre-Aumont e realizado pelo lalentoso Gustav Lamprecht, tem, forçosamente, de corresponder aos melhores desejos do público.

Na verdade, *Como num sonho* atinge, plena e brilhantemente, êsse objectivo. É uma comédia modelar, perfeita em todos os sentidos, que obriga a rir sem esforço. Nisto se traduz todo o seu valor. O argumento é engraçadíssimo, leve, esplêndidamente realizado, gracioso e delicado, sem pretensões renovadoras nem intuítos psicológicos. Encanta, por isso, e diverte sem cessar, porque se impõe pelo brilho e espírito do seu diálogo, pela riqueza da sua expressão e excelência do seu assunto, na verdade interessante e original.

Como num sonho é das mais belas e curiosas comédias dos últimos tempos. Sentimental, sem ser piegas, terna e acariciante, engraçada, sem tocar nos domínios da farsa, esta película é das que agradam, incondicionalmente, a todos os públicos.

A acção conta-nos a compreensível aspiração duma rapariga em vir um dia a disfrutar os

prazeres duma vida luxuosa. Como realiza ela êsse sonho? O filme mostra como isso se tornou possível.

O título e o assunto resumem, como se vê, a promessa dum espectáculo admirável, cativante e de permanente expectativa. Na verdade, nem um só instante o público se deixa de sentir prêso da sua esplêndida e movimentada realização, cortada de constantes peripécias e situações de bom humor.

É uma obra de fino quilate, brilhantemente realizada por Gustav Lamprecht, e em cujo desempenho figuram, além da talentosa Kate de Nagy, que realiza uma das suas melhores criações, o primoroso galã Jean Pierre-Aumont, Félix Oudarte, a esbelta Marta Dhervilly e o notável Gaston Dubosc.

Como num sonho é um filme, destinado a um grande êxito, distribuído pela Sociedade Raul Lopes Freire, Limitada.



Ufa
F 123

OS NOSSOS FILMES

A África, a África misteriosa e imensa, não se aquieta. O sol escaldante parece aquecer os cérebros, ferver o sangue nas veias. Os homens lutam, entre si, por futilidades. Arman-se rixas continuamente entre os habitantes das aldeias perdidas no mato. O governo inglês pondera a situação. Aqui e além, rosna-se contra a soberania da Grã-Bretanha. Há agitadores, em plena selva, tentando explorar as lutas contínuas que se travam, como se fossem uma consequência dos impostos pesados que o governo de Sua Graciosa Magestade cobra inexoravelmente.

Um homem surge como o único capaz de dominar os rebeldes, limpar o território dos «meneurs» estrangeiros, estabelecer a paz entre os inúmeros reis e chefes nativos, que por ali pululam.

* * *

Saunders depressa domina a situação. Com mão de ferro, disciplina recta — exige que a sua vontade seja cumprida!

A força é o grande argumento em África — e é pela força que Saunders consegue a paz e a concórdia entre os inimigos e os descontentes.

Em África, porém, nem todos os nativos são para tratar assim. Saunders trava conhecimento com Bozambo, que merece, de facto, ser uma das excep-



BOZAMBO



Saunders era um homem forte e voluntarioso...



...o rio ficou juncado de cadáveres



Bozambo e Lilongo alçam, por fim, a felicidade!

ções. Forte, com um olhar vivo e inteligente, Bozambo teve uma vida aventurosa, que terminaria na prisão de São Tomé — se ele não se tivesse libertado das grades, graças a um golpe de audácia, que resultou.

Saunders interessa-se pelo negro. É hábil e astucioso — está ali um bom diplomata, não resta dúvida!... E Saunders nomeia-o chefe da tribo dos Ochoris.

* * *

A tribo do velho rei Mofolaba, que vive num dos extremos do território, é uma das sombras negras de Saunders. Duma ferocidade sem limites, cruéis e sanguinários, dedicavam-se à pilhagem, ao roubo e ao negócio de escravas, antes de Saunders assumir a chefia do território.

Quando os seus temores começam a dissipar-se e quando nada fazia esperar a investida, Saunders é informado de que as tropas de Mofolaba iniciaram as suas correrias, em busca de escravas.

A situação é grave. Bozambo recebe ordem para deter a marcha dos rebeldes. No cenário paradisíaco das grandes florestas trava-se uma luta tremenda. Bozambo derrota as tropas do invasor.

E recebe o prémio da vitória. Entre as escravas, com efeito, encontra Lilongo, uma mestiça, linda, cujo corpo alabastrino tem a graça duma Venus negra. Bozambo desposa-a. A aldeia, em festa, esquece os maus dias do passado. Uma era de paz parece renascer.

E Saunders, extenuado, convencido de que conseguiu, enfim, pacificar o povo, regressa a Inglaterra, com a satisfação do dever cumprido!

* * *

Há brancos que têm a alma negra! Fanin e Smith foram os alma-danadas do movimento. Não contentes em espalhar aos quatro ventos a falsa notícia da morte de Saunders, começaram a vender aos nativos armas e álcool, com fartura. A traição, a deslealdade para os compatriotas, as consequências tremendas dos seus actos — foram impo- tentes para dominar a sua ânsia louca de dinheiro! A ocasião é propícia. Sem uma mão forte que os detenha, os nativos preparam-se para a guerra.

* * *

Saunders, em Inglaterra, recebe a notícia de choque! A fogueira voltou a atear-se! Sob a copa das árvores mile-

nárias, voltaram a travar-se lutas de morte. Os rios estão pejados de corpos de negros, varados por lanças certas. Por toda a parte ressoam os tambores de guerra, chamando os soldados de cada «clan» às fileiras! Mofolaba está sequioso de vingança. «A morte! A morte!» é o grito que ressoa por toda a parte.

Lilongo, a doce companheira do Bozambo, foi raptada pelos homens de Mofolaba, que assim crê ser mais fácil chamar o marido para o campo da luta!

O incêndio alastra pela floresta. É o reinado da carnificina que se implanta!

* * *

...Mas Saunders chega de avião. A presença do chefe, que muitos julgavam morto, muda, só por si, quasi radicalmente, a face das coisas. A luta prossegue.

Mofolaba morre. Suspendem-se as hostilidades. Ele era o principal instigador! Bozambo, pela sua energia, pela dedicação, valentia e lealdade — é elevado à dignidade de rei.

O povo adora-o.

Com Saunders aprendeu o segredo de governar: Um bom rei nunca deve ser temido, mas amado, pelo povo!

OS FILMES DA SEMANA

INDICAÇÕES PARA O EXIBIDOR E PARA O PÚBLICO

Koenigsmark — Um filme extraído da novela de Pierre Benoit, do mesmo nome. Intriga bem urdida, que prende o espectador da primeira à última cena. Realização correcta de Maurice Tourneur, segundo o magnífico *décorpage* de Léonce Perret. Interiores sumptuosos, reconstituições cuidadas — enfim uma obra de classe que honra o cinema francês e que agradará a todo o público, do mais popular ao mais exigente. Notável interpretação de Elisa Landi, Pierre Fresnay e John Lodge. (Estreado no Condes. Distribuição de Filmes Castelo Lopes, L.^{da}).

Hip! Hip! Hurrah! — Uma divertidíssima farsa de Wheeler e Woolsey, dois cómicos cheios de graça e de personalidade, que, se não têm mais «cartel» entre nós, se deve apenas ao facto de só de longe em longe aparecerem nas telas de Portugal. E é pena! Os seus filmes têm classe, são profundamente cinegráficos e modelos perfeitos da farsa americana, feita de loucura e destrambelhamento. **Hip! Hip! Hurrah!** tem boa música, *girls* engraçadas, cenas de irresistível comicidade e ainda uma boa corrida de automóveis. Ao lado dos populares cómicos, Thelma Todd, a linda rapariga que os *gangsters* assassinaram. (Estreado no Tivoli. Distribuição da Aliança Filmes, L.^{da}).

Os dois reis. — Eis um filme notável,

realizado segundo as normas da boa escola alemã, com garra, luxo e a grandeza que o assunto requeria. Além destes atractivos, o filme tem o de nos proporcionar o ensejo de ver Emil Jannings, esplêndido actor que o mudo celebrou e que ultimamente tão ardidio tem andado das nossas telas. Profundamente nacionalista, *Os dois reis* fica, decerto, no número dos melhores filmes da temporada, e recomendamos-lo aos amadores do género histórico e, sobretudo, áqueles que buscam no cinema alguma coisa mais do que um espectáculo superficial: Arte e Beleza! (Estreado no Central Cinema. Distribuição de Raúl Lopes Freire, L.^{da}).

A Deusa do Fogo — Do famoso romance de Ridder Haggard, *She*, que já nos deu, no tempo do mudo, um filme espectacular, extraiu Merian C. Cooper o argumento desta película, do melhor recorte cinematográfico, obra de pura imaginação, com lances emotivos superiormente realizados.

O filme tem o interesse da novela — é o melhor elogio que lhe podemos fazer — e revela-nos Helen Gahagan, uma nova actriz, que tem beleza e talento, de sobejo. **A Deusa do Fogo** tem o interesse empolgante daqueles romances que se lêem dum sólogo, e que, não nos desiludem no final. (Estreado no Palácio e Odeon. Distribuição da Aliança Filme, L.^{da}).

Tomás Alcaide.

(Conclusão da pág. 7)

o papel principal. Não. Eu desempenho no filme o papel do Tenor Alcaide, do Scala de Milão, cantando alguns trechos da Ópera «Rigoletto» e nem mesmo eu queria para começo um papel de grande responsabilidade, que poderia resultar numa verdadeira catástrofe!!!

Este filme, é a abertura dum caminho novo na minha vida e espero fazer mais alguns, tendo mesmo conversações muito adelantadas, com Londres, Paris, Berlim, Viena e mesmo Hollywood!

No entanto tudo isto é ainda um ponto de interrogação.

— E o filme?

Olhe, pelo que vi, acho que o filme deve agradar imenso em Portugal, tanto pelo seu enredo, como pelos artistas que desempenham os principais papéis. Gita Alpar, tem uma voz admirável, e neste filme tem canções lindíssimas. Jules Berry, Jean Galland e Larquey, são grandes actores, e por último Gaby Basset, que vimos ultimamente na «Farrar do Amor» é uma boa artista.

Richard Pottier, é um «metteur-en-scène» muitíssimo bom, e sobretudo muito consciencioso. Comigo foi sempre muito gentil. O mesmo digo de todos os artistas franceses e ingleses, e em especial Nils Asther, que é uma simpatia.

— Quando calcula que o filme seja apresentado em Paris?

— Segundo me consta em Abril.

Neste momento, o chefe da orquestra do restaurante, diz ao público, que entre a assistência se encontra o grande tenor Alcaide.

Uma enorme ovação, e depois de pedidos sobre pedidos, Alcaide acede, e canta «La dana é mobile» do Rigoletto, e «Princesita». Um delírio!

Assim terminou a entrevista, e aquela noite para nós inolvidável, na qual assistimos a um grande êxito de Tomaz Alcaide, que como portugueses nos encheu de orgulho.

No dia seguinte, a caminho de Paris. Uma noite de descanso para Alcaide, para partir de novo para Lyon, onde no dia 24 de Fevereiro tomava parte num concerto, radiofundo, que seguramente muitas pessoas em Portugal, tiveram ocasião de ouvir.

EXPRESS

(Direitos de reprodução total ou parcial reservados).

Nota da Redacção — No último número da *Cinematographic Française* chegado a Lisboa, G. Turquan, sob o título de «Tomaz Alcaide, do Scala de Milão, faz a sua estreia no cinema», escreve:

«Alto, esbelto, varonil, Tomaz Alcaide tem o raro privilégio de ser, ao mesmo tempo, um galã simpático, excelente comediante e um dos mais célebres tenores da actualidade. Este artista, que canta em seis linguas, tem alcançado os maiores êxitos nos principais teatros do mundo inteiro. Os parisienses já tiveram o prazer de o ouvir na Ópera, durante um gala memorável. Condecorado com várias Ordens, entre as quais a de Cristo e Santiago, de Portugal, e as palmas Académicas francesas, Tomaz Alcaide vai ser brevemente elevado á categoria de vedeta de cinema.

«Foi Richard Pottier que teve a feliz ideia de o apresentar em *Disco 473*. Ao lado de Gita Alpar, interpreta algumas árias do *Rigoletto* e representa, com á-vontade, um papel que lhe vai a matar.

«Dentro em breve, vê-lo-emos e ouvi-lo-emos — e não nos resta dúvida que

Mãe!

Conserve-se Nova



Mães, os vossos filhos e filhas gostam que pareçais novas — os vossos maridos também. Agora, a Ciência sabe que a pele se enrugaa e envelhece devido unicamente ao desgaste gradual do Biocel. Este é o elemento vital que mantém a pele clara, juvenil e esplêndida. Podeis encontrar este elemento vital e rejuvenescedor e, de novo parecerdes novas, por simples aplicação do novo Creme Tokalon, Cór de Rosa. Por mais estragada que esteja a vossa pele ou por mais profundo que possa ser o sinal dos estigmas da idade, experimentalai, esta noite, o Creme Tokalon, Cór de

Rosa. São afiançados, em quaisquer casos, óptimos resultados, senão ser-vos-á restituído o dinheiro.

À venda em lódas as perfumarias e boas casas do ramo. Se o não encontrardes, escrevei à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que vos atenderá na volta do correio.



M'CAMPOS

Espinhos, Pontos pretos, rugas, verrugas, manchas, sardas e cicatrizes, desaparecem rapidamente com produtos e tratamentos sob a direcção médico, na

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35 — Tel. 21866
LISBOA

STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de ótimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

será o início duma grande carreira cinematográfica. De Hollywood, têm-lhe chegado as mais tentadoras ofertas. A América roubar-nos-á mais uma vez um artista, de que livemos a primazia?»

Registamos com júbilo estas palavras de G. Turquan, porque vêm provar que «Express» não exagerou quando, com tanto entusiasmo, se referiu á acção do nosso compatriota Tomaz Alcaide, que se prepara para revolucionar o meio cinematográfico com o seu talento — da mesma forma fulminante e infocismável como se afirmou e impôs a sua voz privilegiada!

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores
Esc. 1\$50

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
PORTUGAL

52 números 1 ano 48\$00
25 * 6 meses 24\$00
12 * 3 meses 12\$00

Estrangeiro e Colónia, 52 num. 1 ano... 65\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um admirável filme de Willy Forst,
o realizador de «Mascarada»

Ninguém sabe, porém, porque o matou. No tribunal, depois de muito instada, essa mulher pede que a audiência seja secreta. Vai, enfim, revelar o segredo terrível que armou o seu braço homicida.

Conta a sua vida! Foi feliz. Teve o seu lar. Amava o marido e a filha com ternura. Certo dia, em circunstâncias que a ilibam de qualquer culpa, é vítima da citada dum sedutor. O marido julga-a culpada.

A história prossegue, cada vez mais viva, cada vez mais intensa — até o mo-



Mazurka é um filme de Willy Forst, o inesquecível realizador de *Mascarada* e de *Sinfonia Incompleta!*

Dizer isto é o mesmo que afirmar a sua categoria indiscutível, garantir um espectáculo de excepcional interesse e de grande classe.

Estreado, há pouco tempo, em Berlim e em Paris, *Mazurka* empolgou os espectadores e os criticos. É uma obra formosíssima, delicada pelo sentimento, emocionante pela história que nos conta, através do seu desenrolar.

É a história pungente duma mulher que anitou um homem. O segredo do assassinio mantém-se impenetrável. Todos sabem que foi ela que o matou.

mento culminante, quando ela revela os verdadeiros motivos porque matou o D. Juan.

É que reconheceu, a seu lado, numa friza, a sua filha, uma mulher quasi criança, que mal conhecia a vida. E antes de que fôsse vítima de alguma cilada, como aquela que lhe fizera perder a felicidade, preferira matar—para cortar o mal pela raiz!

Nesta pálida evocação do romance, que o filme nos conta, o interesse fica muito aquém do que na realidade a obra possui.

É preciso ver *Mazurka*, espectáculo empolgante, cinema do melhor—para

se assistir à mais bela e humana das histórias que o cinema ultimamente nos tem dado.

Pola Negri é a protagonista. Faz uma reaparição sensacional! A seu lado, outros artistas elevam a interpretação a um nível fora do comum.

Na quarta-feira: nos cinemas «Palácio» e «Odeon»
Exclusivo da Sonoro Filme



CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 22 — 16 DE MARÇO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Neste número: Algumas verdades amargas sôbre o CINEMA PORTUGUÊS